

Dança
6 e 7 Novembro '08

Tela

De Ivo Serra

No âmbito do Festival
Temps d'Images

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Concepção e direcção Ivo Serra **Criação** Adriana Sá, Ana Ribeiro, André Gonçalves, Ivo Serra e Rita Natálio **Textos** Ana Ribeiro, Ivo Serra e Rita Natálio **Dispositivo cénico** André Gonçalves e Ivo Serra **Som** Adriana Sá, John Klima e Nuno Torres **Luz** Carlos Ramos e Ivo Serra **Imagem** Ivo Serra **Operação vídeo** Nuno Ribeiro **Acompanhamento crítico** Rita Natálio **Produção** Bomba Suicida **Co-produção** Dupla Cena/Festival temps d'Images, Culturgest **Apoio** RE.AL · Bomba Suicida é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/Direcção Geral das Artes

Qui 6, Sex 7 de Novembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 45 min · M12

“Agora onde? Agora quando? Agora quem? Sem perguntar a mim mesmo. Dizer eu. Sem pensar. E dizer que são perguntas, hipóteses. Ir em frente, dizer que é ir, dizer que é em frente. Será possível que um dia, vá lá, um primeiro passo, eu tenha apenas ficado num lugar de onde, hábito antigo, costumava sair para ir passar dia e noite o mais longe possível da minha casa, e nunca era longe. Pode ter começado assim. Nunca mais farei perguntas a mim mesmo. Julgamos estar apenas a descansar, para depois agirmos melhor, ou sem ideias feitas, mas passado pouco tempo vemo-nos impossibilitados de fazer seja o que for. Pouco importa como isto aconteceu. Isto, dizer isto, sem saber o que foi.” Samuel Beckett in “O inominável”, edição original 1953

Perguntar de novo:

Como começar uma peça? E como trazer essa dúvida para o palco, sem que a pergunta se paralise numa resposta qualquer?

Tela pode ser uma tentativa de uma pergunta que se re-pergunta. A pergunta multiplica-se por três *performers* e três músicos, divide-se por partes e elementos, recontextualiza-se, refaz-se pelos traços de memória de um percurso que ela mesma iniciou. A pergunta torna-se material de construção de uma casa à medida de quem a pergunta. Quem vive na casa não tenta responder. Habita-a para existir ‘através de’, entre as fissuras e espessuras da pergunta. Habita-a para existir mais.

Perguntar de novo é um pretexto para começar (de novo). É uma experiência sobre a reutilização das coisas, sobre a forma como repetição e reutilização

(re)agem sobre a vida das imagens. É sobre ir em frente, levando apenas memória do que se pode conter num traço de experiência. A pergunta traduz-se, transcreve-se, importa-se de contexto para contexto. É saturada de perspectiva, de pontos de fuga. Pergunta-se de novo. Para poder continuar a começar.

Eu + Tu + Tu no mesmo sítio

[diferente de]

Nós no mesmo sítio

Em *Para que vivemos?*, Marc Augé escreve sobre a forma como os grupos humanos formam “cosmologias, representações do universo, do mundo e da sociedade que fornecem aos seus membros pontos de referência que lhes permitem conhecer o seu lugar [...]. Quanto mais forte é a adesão a esses modelos, menos liberdade, mas mais sentido há [...] O seu mundo é um mundo sem liberdade, mas a abarrotar de sentido”.

Tela pode ser uma tentativa de encontro. Embora todos os percursos sejam individuais (digamos mesmo, pessoais), a ocupação de um mesmo lugar e de um mesmo tempo, a partilha de uma mesma pergunta, permite a emergência de uma identidade colectiva por sincronia e ressonância. O sentido não é um ponto de partida mas um ponto de chegada. Não “uma adesão a modelos” pré-estabelecidos , mas um unísono que tem lugar apenas na cabeça de quem testemunha o que acontece no palco. A experiência do colectivo é uma tentativa de liberdade. Uma imagem aberta: uma tela.

O som que ‘faz ver’

Partindo da ideia que o som faz ver (e valer) a imagem, *Tela* é também uma tentativa de reflexão sobre o poder do

som na condução da percepção visual. Partindo de uma dissociação entre espaço auditivo e espaço de visão, voz, texto e musicalidade, ganham sentidos inesperados. São, literalmente, condutores de imagem: narram, comentam, assinalam e transcrevem a acção que se desenrola em frente aos nossos olhos.

E porque o som é uma reflexão indirecta sobre a duração e a resistência das imagens, em *Tela* faz-se do som cartografia. O som é o lugar da imagem. Resta saber que lugar se vê no silêncio e que som provoca a imobilidade. Perguntar. Perguntar de novo. *Começar para acabar* (Samuel Beckett). Rita Natálio, Outubro de 2008

Ivo Serra

Formou-se como actor na Escola Profissional de Teatro de Cascais e tem o 3.º ano do curso de Cinema-Imagem em Movimento do Ar.Co.

Faz parte, desde 2002, do colectivo de artistas da estrutura Bomba Suicida, onde participou como *performer* e bailarino em algumas peças dos artistas residentes.

A sua primeira criação, o vídeo *Um Passo de Cada Vez*, participou em festivais em Portugal, no Brasil e na Rússia. Desde então, Ivo Serra tem vindo a desenvolver os seus trabalhos combinando o vídeo com a *performance* quase sempre num dispositivo cénico. *Check-In*, uma instalação-*performance* que criou com Ana Ribeiro, teve uma crítica bastante positiva por parte da imprensa. Co-criou *Bristol in Pieces* com os restantes artistas da Bomba

Suicida e os Spaguetti Club resultado de uma residência em Bristol, a convite do Centro de Artes Arnolfini, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian U.K. e Visiting Art's (Prémio Portuguese Performing Arts Awards 2004-2005). *Graffiti* uma vídeo-*performance*, resultou de uma residência na cidade de Nottingham, a convite do Festival Now, e foi apresentada no Sandfield Theater em Nottingham e também em Coimbra, em Lisboa e em Montemor-o-Novo.

When I Fall, peça em três partes que foi desenvolvendo durante 2005 e 2006, foi apresentada em Lisboa, no Porto e em Moscovo. A terceira parte da peça, o vídeo-dança *Fall*, foi apresentada em festivais internacionais de vídeo-dança em Lisboa, no Porto, no Rio de Janeiro, em Basel e em Johannesburg. Mais recentemente, a sua criação *Á beira* foi apresentada no Estúdio da Bomba Suicida, bem como o vídeo *OANNES*, e *Corpo* marcou presença no festival de dança contemporânea de Almada, na Arte>Contempo em Lisboa e no Festival d'Images Artistiques Vidéo no Centre Pablo Neruda em Nîmes.

Ivo Serra é ainda o responsável pelos conteúdos de imagem e vídeo dos projectos artísticos da estrutura RE.AL.

Adriana Sá

É artista transdisciplinar, *performer* e compositora-improvisadora. Do seu processo de criação faz parte o desenho e a construção da instrumentação.

O seu princípio filosófico de uma plasticidade musical associada à luz, arquitectura, movimento, meteorologia,

etc., encontra expressividade mediante instrumentação digital e analógica, que com frequência alcança uma escala arquitectónica. O seu trabalho relaciona-se com contextos específicos.

As suas partituras gráficas coreografam textura, densidade, dominância e sequenciação, mais do que tempos-relógio ou arranjos de notas.

Trabalhando o som de modo provocatório, Sá propõe situações de imersão enquanto joga com as transições entre estados psico-físicos. Seguindo o desafio da acumulação de variáveis múltiplas e da precisão dos tempos orgânicos, interessa-se especialmente pelo efeito subjectivo de estímulos simultâneos e contrastantes.

Adriana Sá tem vindo a desenvolver e apresentar o seu trabalho pela Europa, EUA e Japão. As suas residências, instalações e *performances* realizam-se com frequência em contextos pouco convencionais (como uma fábrica de seca de bacalhau, uma fábrica têxtil ou uma capela), assim como em festivais internacionais e em teatros, galerias e instituições museológicas. O seu modo de trabalho tem sido possibilitado por diversas bolsas, apoios financeiros e comissões. A sua prática complementa-se com *workshops*, publicações e edições áudio.

Ao longo da última década, Sá desenvolveu projectos no âmbito de 'séries' consagradas a determinadas investigações artísticas: *Laboratórios de Sensações*, *Interchange Formats*, *This Is Just To Do*, *Parallax*, *Metaparallax*, *Portabllex*, *Momento Em Movimento* e *Limiares*. Nestes e noutros contextos, trabalhou com centenas de artistas internacionais.

Com a sua estratégia transdisciplinar, Adriana Sá expandiu fluidamente a sua educação formal em música (Mendelsohn Hochschule für Musik, Leipzig), em artes visuais (Atelier Livre, António Arroio, Faculdade de Belas Artes, Lisboa) e em design hipermedia (Curso de Formação de Formadores de Desenho Gráfico para Sistemas Hipermedia, CNS, Lisboa).

André Gonçalves

Designer de formação e programador por empatia, tem vindo a desenvolver, desde 1998, diversos projectos em diferentes áreas artísticas, nomeadamente nas artes plásticas, música, vídeo, instalação e *performance* tendo apresentado o seu trabalho em vários locais e festivais como o FILE em São Paulo, o Experimental Intermedia Foundation e o New York Digital Salon, School of Visual Arts em Nova Iorque, o Steim em Amesterdão e o Atlantic Waves em Londres, entre outros. O seu trabalho musical, a solo ou em colectivos, está documentado em mais de 15 edições em diversas editoras nacionais e internacionais: Grain of Sound, Crónica Electrónica, Creative Sources e SIRR (PT), Cherry Music (JP), Winds Measure e ConV (US), Transacoustic Research (AT), sob os nomes: Ok.suitcase, In Her Space, Stapletape, Iodo, Itthwhasp, Gigantiq, Sound Asleep, EA, Feltro, Variable Geometry Orchestra, entre outros. Actualmente trabalha a solo no projecto Feltro e integra os projectos: Safe and Sound e Gigantiq.

Rita Natálio

Nasceu em Lisboa em 1983. Da sua formação académica, destaca-se a formação em História na Universidade Nova de Lisboa e em Artes do Espectáculo Coreográfico na Universidade de Paris VIII (com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Programa de Apoio à Dança 2006). Como intérprete, realizou o Curso de Pesquisa Coreográfica do Fórum Dança 2006 (Lisboa) com Vera Mantero, João Fiadeiro, Emmanuelle Huynh, Mathieu Doze e Nicolas Floc'h e participou em vários workshops de composição e improvisação com Christian Rizzo, Loic Touzé, Armando Menicacci, entre outros.

A sua actividade principal tem-se concentrado na área da dramaturgia e acompanhamento de projectos artísticos e de investigação. Colaborou em *Para onde vai a luz quando se apaga?* (2007) e *I was here* (2007) de João Fiadeiro e *Das coisas nascem coisas* (2008) de Cláudia Dias. Trabalhou igualmente com a estrutura RE.AL criada por João Fiadeiro, na coordenação/acompanhamento de projectos de investigação e treino em torno do método de composição em tempo real. Este ano, a sua formação híbrida entre a teoria e prática artística deu origem a algumas experiências de ensino inseridas no Programa de Estudos, Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum Dança 2008-09 (Lisboa). Destaca ainda o início de uma colaboração com Vera Mantero em torno da publicação de um livro de artista e o acompanhamento crítico a uma nova criação com estreia em 2009.

Ana Ribeiro

Frequentou e finalizou a Escola Profissional de Teatro de Cascais e a Escola Superior de Teatro e Cinema, estreando-se em 1999 com o encenador Carlos Aviliez.

Desde 2000 que trabalha na Casa Conveniente, como actriz, nos espectáculos de Mónica Calle.

Trabalhou também com os encenadores Álvaro Correia, André e. Teodósio, Márcia Cardoso, Martim Pedroso, Miguel Loureiro e com a companhia Cão Solteiro. Em 2004 co-criou com Ivo Serra no espaço Bomba Suicida *Check-In*, em 2006 co-criou com Mónica Garnel, na Casa Conveniente, o espectáculo *Entretanto* e co-criou a *performance frank&stein* com Victor Gonçalves para o Festival Ad-Wood.

Participou como actriz em telefilmes de Rita Nunes, de Fátima Ribeiro e de Leonel Vieira.

Em cinema trabalhou com Miguel Clara Vasconcelos, Raquel Freire, José Barahona, António Duarte, Ricardo Aibéo, Pedro Caldas e Luís Fonseca.

Próximo espectáculo

He visto caballos

De Mal Pelo

No âmbito do Festival Temps d'Images

Dança Qua 12, Qui 13 de Novembro

Grande Auditório - 21h30

Duração aprox. 1h00 · M12



Direção e espaço cénico Maria Muñoz, Pep Ramis
Criação e interpretação Maria Muñoz, Pep Ramis,
Jordi Casanovas **Colaboração artística** John Berger

'Um centímetro no contentor'
é importante.

Um pequeno erro de cálculo pode ser perigoso ou fatal para qualquer dos dois. Ao mesmo tempo, o que inspira os seus passos, cada salto, cada pausa, cada enlace, é a ânsia dos amantes de atravessar a distância imensa que os separou à força. A precisão de um relógio e a rotação da terra. John Berger

Mal Pelo apresenta na Culturgest, em colaboração com o Festival Temps d'Images, em estreia absoluta, o seu novo espectáculo, *He visto caballos*, um dueto dos dois co-directores do grupo, Maria Muñoz e Pep Ramis, o

terceiro após *Quarere* (1989) e *L'animal a l'esquena* (2001) e uma nova colaboração com o escritor John Berger.

Depois de Lisboa, o espectáculo seguirá para Barcelona (Teatre Lliure), Girona (Festival Internacional de Tardor Temporada Alta) e Palma de Mallorca (Teatre Principal).

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Ana Feteira Monteiro

estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Raquel Abelha

estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Maria Ana Freitas

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino chefe

de imagem

Paulo Abrantes chefe

de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
